



FILOSOFIA, LITERATURA E TEORIA LITERÁRIA: DIÁLOGOS UNIVERSITÁRIOS E INSTITUCIONAIS

PHILOSOPHIE, LITTÉRATURE ET THÉORIE LITTÉRAIRE: DIALOGUES UNIVERSITAIRES ET INSTITUTIONNELS

PHILOSOPHY, LITERATURE AND LITERARY THEORY: INSTITUTIONAL AND UNIVERSITY DIALOGUES

Fábio Roberto Lucas*
Gabriel Salvi Philipson**

* fabio.lucas@usp.br
Graduado em Filosofia e doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Bolsista do CNPq.
** gsphilipson@gmail.com
Graduado em Filosofia e mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Doutorando em Teoria e História Literária pela UNICAMP.

RESUMO: A intenção é pensar o desenvolvimento da teoria literária como agente mediador e transformador das relações entre filosofia e literatura em quatro situações histórico-geográficas do século XX: a Rússia dos anos 1920 pelo diálogo entre Bakhtin e formalistas; a França da mesma década com a institucionalização universitária da tradição Poe-Baudelaire-Mallarmé por obra da teoria poética de Paul Valéry; a reflexão em torno do limiar poético-conceitual empreendida por Derrida e Nancy a partir dos anos 1960 na França e EUA; e o pensamento poético-jornalístico de Flusser como desafio à filosofia brasileira universitária nos anos 1960. O fio que interliga os quatro momentos seria a apreensão das implicações e afinidades de certas transformações da teoria literária com reflexões e práticas que questionam e refinam as diferenças entre literatura e filosofia, gestos com importantes consequências para pensar as leis, limites, equívocos e limiares dos modos de institucionalizar que vigoram no campo literário ou na universidade e suas diferentes áreas do saber.

PALAVRAS-CHAVE: teoria literária; literatura e filosofia; institucionalização; universidade

RÉSUMÉ: Nous proposons de concevoir le déploiement de la *théorie littéraire* en tant qu'agent médiateur et transformateur des relations entre *philosophie* et *littérature* dans quatre situations historico-géographiques du vingtième siècle: la Russie des années 1920 et du dialogue de Bakhtin et des formalistes; la France de la même décennie et de l'institutionnalisation universitaire de la tradition Poe-Baudelaire-Mallarmé réalisée par la théorie poétique de Paul Valéry; la réflexion autour des seuils poético-conceptuels mise en œuvre par Jacques Derrida et Jean-Luc Nancy à partir des années 1960 en France et aux États-Unis; et la pensée poético-journaliste de Vilém Flusser posée comme défi à la philosophie universitaire brésilienne en cours d'institutionnalisation dans les années 1960. Le fil qui lie les quatre moments serait l'apprehension des implications et des affinités de certaines transformations de la *théorie littéraire* avec des réflexions et pratiques qui mettent en question et raffinent les différences entre *littérature* et *philosophie*, ce qui entraîne d'importantes conséquences pour penser les lois, limites, équivoques et seuils des modes d'institutionnaliser en vigueur dans le champ littéraire et dans l'universités et ses différents domaines de connaissance.

MOTS-CLÉS: théorie littéraire ; littérature et philosophie ; institutionnalisation ; université

ABSTRACT: The purpose of this paper is to think the development of literary theory as mediator and transformative agent of the relations between philosophy and literature in four historic-geographic situations of the 20th century. The 1920s in Russia through the dialogue between Bakhtin and formalists. The same 1920s in France with the universitarian institutionalization of the Poe-Baudelaire-Mallarmé tradition by Paul Valéry's poetic theory. The 1960s in France and USA through Derrida's and Nancy's reflection about the poetic-conceptual threshold. And the same 1960s in Brazil with Flusser's poetic-journalistic thought as a challenge to Brazilian universitarian philosophy. The thread that interlinks the four moments would be the apprehension of implications and affinities between some literary-theory's transformations and the reflections and practices that question and refine the differences between literature and philosophy. These are gestures with major consequences in order to think the laws, limits, deviations and thresholds of the ways of institutionalization that rule in literary field and in university with its distinct learn domains.

KEYWORDS: literary theory; literature and philosophy; institutionalization; university

Talvez a provocação inicial que animou a escrita conjunta deste artigo tenha sido a fala de Hans Ulrich Gumbrecht na Abralic de 2016, no minicurso intitulado "A Estética: História, Função e Futuro", situado de propósito, como resistência política, em uma UERJ à beira do caos institucional.¹ Assistíamos juntos à palestra do teórico alemão, quando a certa altura nos chamou atenção a sugestão de que o

surgimento da teoria literária no início do século XX seria índice de uma crise do lugar da literatura tal como ela se afinara com o desenvolvimento das instituições da democracia representativa e do estado-nação europeu a partir do final do século XVIII. A teoria literária surgiria no momento em que o sistema literário formado por escritores, críticos – sobretudo de jornal – e público demonstrava uma dificuldade cada vez maior de cumprir seu antigo papel nas redes e articulações simbólicas que organizavam o corpo social e político de uma nação.

Essa foi a deixa para que encontrássemos um eixo comum entre nossas duas pesquisas – uma que passava por algumas reflexões de Bakhtin, outra sobre Valéry, ambos atuantes nesse momento de crise da literatura – e para que percebêssemos ressonâncias nos diálogos que os dois, cada um a seu modo, empreendiam com a tradição e com a prática da filosofia. Desse modo, foram se desvelando algumas afinidades entre certos problemas da teoria literária, tal como formulados pelo pensador russo e pelo poeta francês, e a interrogação dos limites e diferenças entre o discurso filosófico e a poética literária, uma questão com enormes consequências políticas e institucionais, dada a importância que a concepção moderna de espaço público atribuiria à distinção entre linguagens de abertura de mundos e linguagens de argumentação intramundana.² A partir daí, tornou-se possível não apenas dar

1. Para um resumo dessa fala feito pelo próprio teórico alemão, cf. GUMBRECHT, *Entrevista – I*, em especial a partir do minuto 8:30, quando ele comenta a relação entre literatura e filosofia institucionais.

2. Tal distinção é fundamental em Habermas, para quem não seria possível fundamentar o papel de mediação realizado pelas instituições sem regulamentar a distância entre a *expressividade* da linguagem literária submetida à apreciação estética do público (auxiliado pelo crítico) e a *racionalidade* de argumentos submetidos à validação do debate público. Para Rancière, pelo contrário, a democracia seria precisamente a experiência de uma indistinção tendencial e de um dissenso na partilha entre linguagens de abertura de mundo e linguagens de argumentação intramundana, entre o real e o ficcional. Cf. HABERMAS, *Discurso filosófico da modernidade*, p. 261-296; RANCIÈRE. *La Mésentente*, p. 71-91.

maior inteligibilidade às diferenças entre os gestos de Bakhtin e de Valéry, mas também seguir alguns de seus desdobramentos e consequências a partir da década de 1960, com o trabalho da desconstrução na França e EUA, por um lado, e a poética jornalística de Vilém Flusser às margens da filosofia universitária paulista nos anos 1970, por outro. Uma versão inicial de nossas reflexões conjuntas foi apresentada e posteriormente aprimorada no III Encontro de Pós-Graduação em Filosofia da USP, em 2017.³

Aqui seria, portanto, o lugar de prevenir o leitor de que não temos qualquer pretensão de esgotar esse problema ou de fazer uma análise exaustiva desses posicionamentos teóricos e críticos (uma tarefa dificilmente realizável no espaço de um artigo), mas de fazer um estudo comparativo entre esses quatro momentos-lugares, presentes porque foram se tornando mais familiares ao longo de nossa trajetória de estudos,⁴ mas que certamente podem ser significativos para realçar as linhas de força dessa questão e servir como ponto de (contra) partida para outras pesquisas, apontando para outros momentos, lugares e textos. Visando acompanhar e apreender detalhes sutis desses deslocamentos entre literatura, filosofia e teorização literária face às crises históricas e políticas de nossos modos de institucionalizar saberes e práticas, nosso texto se deixa contaminar – advertindo o leitor para os riscos aí implicados, expondo-lhe aqui o último sinal vermelho

de cuidado – pelos entrelaçamentos e sobredeterminações de poéticas-do-pensamento e de pensamentos-das-poéticas, para usar uma expressão de Michel Deguy.⁵ Daí que as metonímias para ideias, pensamentos, argumentos e nomes próprios – dentre as quais as metonímias Bakhtin, Valéry, Derrida, Flusser, Nancy e outros – não busquem a clareza e a distinção da compreensão exaustiva e definitiva, mas se mantenham sempre abertas, inacabadas, demandando que o leitor as entrelace com outras, prolongando e diferindo a experiência de pensamento que ora lhe é proposta. Não se tomará, portanto, nenhum critério a priori que categorize e garanta a separação entre poesia e pensamento, literatura e filosofia, mas disso não se segue que ambas serão confundidas num todo indiferenciado, muito pelo contrário, hesitaremos e deslizaremos entre as discursividades e poéticas heterogêneas de uma e de outra no intuito de visitar de perto suas afinidades e dissonâncias recíprocas, seus pontos de implicação e de irreducibilidade mútuos e necessários.

Afinal, talvez a própria filosofia tenha algo dessa estranha instituição chamada literatura. Como diz Derrida, sua lei “tende, em princípio, a desafiar ou a suspender a lei”.⁶ Pergunta-se sobre o que ela é, sua base é refundada a cada vez ou simplesmente se mantém (in)definida como o que deve continuamente estar no caminho de se a definir. Graçar algo como filosófico é o mesmo que lhe permitir suspender o que

3. Disponível em <https://epgfilosofiausp.wordpress.com/programacao-2/>. Acesso em: 14 nov. 2017. [<https://epgfilosofiausp.wordpress.com/mesas-de-comunicacao/>] [<https://epgfilosofiausp.files.wordpress.com/2017/10/gabriel-philipson-e-fabio-roberto.pdf>]

4. O que, caso quiséssemos confessar, poderia ao menos esboçar uma possível justificativa para a escrita coletiva deste artigo, se não fosse o caso de pensar que, talvez, seja justamente o contrário: a necessidade de convencer a academia do desejo e da importância de escrever e de pensar junto.

5. DEGUY. *Reouverture après travaux*, p. 10. Cf. nota 62

6. DERRIDA. *Essa estranha instituição chamada literatura*, p. 49.

7. NANCY. *Le partage des voix*, p. 79.

8. MARX. *Naissance de la Critique Moderne*, p. 16-17. Vale lembrar dentre outros o estudo sobre o romantismo alemão de Lacoue-Labarthe e Nancy, que em 1978 voltam seu olhar para o círculo de Lena e retrospectivamente reconhecem um projeto em que teoria e literatura se fazem uma à outra, a teoria como prática literária, a literatura como produção da própria teoria, num todo fechado à vocação absolutizante, manifesta na imagem do *hérisson* organicamente encerrado sobre si, um absoluto literário que “se dedica à busca exclusiva da própria identidade carregando consigo toda ou parte da filosofia e de algumas ciências humanas e abrindo o espaço daquilo que chamamos hoje, com uma palavra que os Românticos particularmente apreciavam, de ‘teoria’”. NANCY e LACOUÉ-LABARTHE. *L’absolu littéraire*, p. 28. Veremos que os movimentos seguintes da teoria literária aqui analisados deixam cada vez mais de lado essa pretensão de organicidade fechada em si mesma para justamente explorar as possibilidades de diferenciação e articulação entre poesia e pensamento, entre literatura e filosofia.

seja filosofia ou até mesmo se voltar contra ela. Obsedada por vocação a questionar limites – dentre eles aqueles que definem seu regime discursivo - eis que a filosofia se torna a prática de um contágio, contato ou partilha entre discursividades heterogêneas. Ao se voltar sobre a experiência estética, ela experimenta no seu próprio corpo aquilo que interroga; ao querer fazer uma filosofia da rapsódia, ela termina às voltas com uma rapsódia filosófica, para usar as palavras de Jean-Luc Nancy.⁷

Mas então o que não seria filosofia? Para que e para quem, pelo que e por quem ela seria instituída? Como se dá a decisão sobre quais práticas são ou não filosóficas? Ora, ainda que talvez seja possível estender o argumento de Nancy a outras práticas de pensamento que cruzam a filosofia (questões de filosofia política seriam questões políticas que por sua vez também revelariam uma política da filosofia, o mesmo sendo dito da ética, da ciência etc.), é no contato com a literatura que veremos a filosofia confrontada com a interrogação dos limites sobre os quais nos deteremos.

Por sua vez, não é menos verdade que a literatura se volta à filosofia, solicita-lhe recursos seja para se alimentar deles, seja para questioná-los ou recusá-los, algo extremamente notável nos momentos históricos em que sua estranha instituição oscila e a necessidade de pensar e de teorizar a prática da escrita e da crítica literária se faz sentir com mais intensidade.

É o caso da década de 1920 e das novas teorias e práticas de leitura e crítica literária que nela se constituem, sobretudo aquelas em torno de novas tendências formalistas, presentes seja no mundo anglo-francês, com T. S. Eliot e Paul Valéry, seja na União Soviética, com o debate entre Bakhtin e a escola formalista russa, movimentos simultâneos e relativamente independentes entre si, mas que convergiriam a partir da década de 1960, influenciando fortemente tanto a *Nouvelle Critique* francesa quanto a filosofia universitária. Não se trata de dizer que a interrogação dos limites da filosofia e da literatura ou mesmo o formalismo nascem nos anos 1920, ambos não seriam pensáveis como acontecimentos histórica e geograficamente situados, mas sim como *tendências*, em necessário diálogo e confronto com outras tradições, como diz William Marx.⁸ O que há de específico nesse primeiro momento seria o enfrentamento da crise⁹ vivida de modo cada vez mais agudo pelas instituições políticas do estado nação europeu, bem como pela noção mesma de literatura nelas sintetizada.

Nesse sentido, como diz ainda Marx,¹⁰ não é por acaso o surgimento da crítica formalista na Rússia bolchevique: a revolução traz a necessidade de repensar o vínculo literatura e modernidade em outros termos, ensejando as contribuições, mas também os excessos da escola formalista que Bakhtin saberá dosar, justamente ao apontar implicações filosóficas

9. Por certo, os dilemas da década de 1920 possuem muitas facetas e foram pensadas de diversas maneiras; aqui, teríamos em vista o que Jacques Derrida chamou de tradição moderna e europeia de pensamento da crise, “o momento da decisão, o momento do *krinein*, o instante dramático da decisão ainda impossível e suspensa, iminente e ameaçadora” (DERRIDA, *L’autre cap*, p. 35). Nesse momento, entre a primeira e a segunda guerras mundiais, essa tradição crítica teria passado pela forma husserliana de uma crise das ciências europeias; pelo discurso heideggereano acerca da destituição (*Entmachtung*) do espírito europeu; e pelas reflexões valerianas acerca da crise do espírito como crise do capital europeu diante das novas questões políticas que se anunciavam (cf. DERRIDA. *De l’esprit*. p. 97-100).

10. MARX. *Naissance de la Critique Moderne*, p. 157.

e estéticas da teoria formalista. Na França, por sua vez, a tradição Poe-Baudelaire-Mallarmé se institucionaliza e adentra finalmente o cânone universitário, abrindo novos espaços à reflexão formalista em ambientes até ali dominados pela crítica impressionista, historicismo positivista ou ainda pelo romantismo.¹¹ Esse processo de institucionalização de autores já consagrados no meio artístico e em parte da imprensa, mas ainda deixados de lado pela universidade, deu-se muito pelo trabalho de Paul Valéry e sua reflexão sobre poética, que, num caminho diferente ao de Bakhtin, também repensa os pressupostos da escrita e da crítica literária, percebendo durante o processo a necessidade de fazer da filosofia um “affaire de forme”. Vejamos, portanto, um pouco mais de perto a década de 1920 na Rússia e na França:

¶¹²

*Philosophia facta est quae philologia fuit*¹³

Se Nancy incita a filosofia e a literatura a nunca abandonarem o corpo dos deuses – cuja ausência é delas a condição –, a “não abandonar o mundo que se faz sempre mais mundo, sempre mais atravessado de ausência, sempre mais em intervalo, incorpóreo e por isso saturá-lo de significação, de revelação, de anúncio”,¹⁴ o jovem Bakhtin faz uma demanda talvez igualmente complexa diante do problema da ausência de significação do mundo, da agência mecânica: a demanda de

que não se deve nunca abandonar a relação entre vida e arte, de que nunca se deve reduzir a complexidade dessa relação impossível, de que se deve sempre buscar o nexos entre esses dois modos de experienciar a temporalidade e a existência que coabitam em um único indivíduo, sob pena de uma culpa de uma perante a outra.¹⁵

Essa demanda de Bakhtin por uma resposta responsável entre arte e vida aponta para um desenvolvimento de tal exigência: ela passa a ser a de que as novas teorias estéticas – e ele está se referindo ao formalismo russo – não abandonem o momento do conteúdo na interpretação da forma de uma obra arte, não abandonem a análise da relação entre a forma e seu conteúdo de vida, seu conteúdo ético, que não façam isso em nome de uma análise da forma meramente em relação ao seu material, à sua morfologia, à sua materialidade.¹⁶ Que a análise da forma em relação ao seu material é algo novo e profícuo, Bakhtin não tem dúvidas; o problema é que isso seja feito em detrimento – em sacrifício – não dos deuses, mas da percepção mais abrangente de um todo mais complexo que a filosofia e a tradição da reflexão estética teria sempre em vista e que ele chama de “unidade na cultura”. Bakhtin está interessado, então, em pensar algo radical:¹⁷ a unidade, o nexos entre arte e vida, entre forma material e conteúdo ético.

A demanda de Bakhtin aos formalistas – a quem está igualmente elogiando e apontando seus limites e perigos –, por

11. MARX. *Naissance de la Critique Moderne*, p. 128, 339.
12. Esta seção é um breve resumo de temas desenvolvidos em PHILIPSON, *Entremeios da literatura e da filosofia* e PHILIPSON, *Do que não se pode escapar*.
13. “Transformou-se em filosofia o que era filologia” – lê em uma conferência dada em Heidelberg em 1869 um recém-contratado professor de filologia da Faculdade de Basileia, então com 25 anos de idade, chamado Friedrich Nietzsche, que inverte a frase de Sêneca, *philologia facta est quae philosophia fuit*. Isso não teria agradado o público presente, composto em sua maioria por filólogos. Para Curt Paul Janz, principal biógrafo do filósofo alemão, na sentença estaria expresso seu descontentamento com a filologia pura e sua relação conspícua com a filosofia, dita com uma veemência até então inédita (JANZ. *Friedrich Nietzsche*, p. 222). >>>

13. >>> Esta epígrafe provocativa desta seção – dando continuidade às possíveis tradições anteriores de questionamento e refinamento da diferença entre filosofia e literatura, mencionadas na nota sobre o absoluto literário – assinala que não estamos sugerindo ingenuamente que o problema aqui estudado das relações entre filosofia e literatura teria nascido no interior da modernidade apontando para uma possível superação pós-, ou que seria um fato novo dela (ao mesmo tempo que contra ela): ao invés disso, estamos tentando ver as especificidades dele neste tempo, o que passa pela mediação da noção de institucionalização (o que não era de modo algum estranho a Nietzsche – ao menos segundo a interpretação de Kittler e, com isso, especificamente com o surgimento e estabelecimento institucional da teoria literária. Cf. Kittler. *Aufschreibesysteme 1800/1900*).
14. NANCY. Um dia os deuses se retiram..., p.34.
15. BAKHTIN. Arte e responsabilidade.
16. BAKHTIN. O Problema do conteúdo, do Material e da Forma na Criação Literária.
17. Já indicado em BAKHTIN. Arte e responsabilidade.

um lado, condena, com isso, a ingenuidade filosófica de uma criação de um novo método que desconsidera ou passa por cima dos problemas filosóficos de que são uma resposta: é preciso que cada campo da cultura humana responda responsabilmente uns aos outros, é preciso lidar nas ciências humanas com conceitos capazes de abarcar a totalidade das experiências culturais. Por outro lado, é com essa exigência por uma reflexão filosófica da literatura que leve em conta o todo da estética que Bakhtin vai encontrar|criar no interior do cânone cultural greco-romano (embora não de acordo com a apropriação europeia ocidental) os gêneros sério-cômicos fronteiros do diálogo socrático e da sátira menipeia: práticas lítero-pensantes (para ressignificar a expressão) de fala, escrita e manifestações culturais que se constituem e se alimentam do vai-e-vem entre literatura e filosofia, entre forma material e conteúdo.¹⁸ Ao ressaltar nos diálogos socráticos os aspectos retóricos poético-formais tanto quanto os filosóficos e de conteúdo, Bakhtin torna-se capaz de repensar os cortes que geram a distinção entre textos filosóficos e poéticos, entre ensaios e romances, o que lhe é importante no estudo da poética de Dostoiévski. Pela radicalidade da tentativa de não se deixar reduzir a um dos polos forma-conteúdo, arte-vida, tal gesto acaba revalorizando os gêneros híbridos, hesitantes e poderia ser visto como um típico *border thinking*.¹⁹ pensamento de e da fronteira.

Essa revalorização dos gêneros híbridos filosóficos-literários pensada como o nexos entre arte e vida dado por uma resposta responsável pode nos fazer repensar o problema contemporâneo do cinismo tal como ele normalmente é tratado. Será que de fato uma sátira menipeia, caracterizada pelo riso, pelo cômico, pela união entre alto e baixo, pela “ousadia da invenção e do fantástico” é capaz de responsabilmente se combinar “com um excepcional universalismo filosófico e uma extrema capacidade de ver o mundo”?²⁰ Para Vladimir Safatle,²¹ não: concebendo a multivocidade das noções de arte e vida a partir da dicotomia Lei/anomia (normatividade sócio-político-jurídica/caráter subversivo), Safatle defende que a teoria da cultura carnavalesca de Bakhtin perpetua o *establishment*, porque pensada a partir de festas populares da Idade Média que não seriam capazes de romper com o *status quo* ao suspenderem o domínio da Lei.

É digno de nota que há ao menos uma possibilidade de defender o caráter subversivo da teoria bakhtiniana concordando com a ideia de Safatle de que a ironização paródica do carnaval seria complementar à “posição da norma”: trata-se de distinguir entre carnaval e teoria da carnavalização. Com isso, seria possível entender esta como uma tentativa de pensar a cultura oficial stalinista não como seu contraponto, mas como a sua definição que a desmascara, como defende Groys.²²

18. BAKHTIN. *Problemas da poética de Dostoiévski*.

19. MIGNOLO. *Local Histories/Global Designs*.

20. BAKHTIN. *Problemas da poética de Dostoiévski*, p. 131.

21. SAFATLE. *Cinismo e falência da crítica*, 2008, p. 101-102.

22. GROYS. Friedrich Nietzsche, Michail Bachtin, Michail Bulgakow, p. 223.

Mas outra possibilidade de pensar o caráter subversivo da posição bakhtiniana consiste em refletir que, em alguns casos, é responsável reivindicar certa irresponsabilidade, que em alguns casos exista certo *dever* de irresponsabilidade: talvez este dever, diz Derrida, “seja a forma mais elevada de responsabilidade”.²³ É possível então pensar que determinados casos exigem uma responsabilidade irresponsável e que o carnaval, tal como pensado por Bakhtin, pode ser um deles. Diferentemente de meramente dar prazer ao governante que tende à tirania, não instaurando uma quebra entre tempo da arte e tempo da vida, muito menos umnexo de responsabilidade entre eles, trata-se aqui de entrever a possibilidade de haver uma responsabilidade complexa no riso cínico. Bakhtin reivindica à sátira menipeia a capacidade de experimentar as últimas posições filosóficas, colocando em dúvida tanto os pressupostos de seu próprio discurso como os do discurso filosófico-ideológico. Ao fazer isso, tal sátira pode não visar conservar o senso comum, mas estar numa posição difícil, a de desvelar, *ao mesmo tempo*, os dois tipos de discurso: o do senso comum e o do discurso dito profundo, mostrando como mesmo o segundo teria algo ainda que conservar frente ao satírico.

II

Da agitada primeira década soviética de Bakhtin para um dos centros da Europa em seu conturbado período

entre-guerras, a França de Valéry. Como observado, o poeta também sente a necessidade de um acerto de contas entre filosofia e literatura e, à primeira vista, seu gesto é aparentemente inverso àquele de Bakhtin: trata-se de afirmar a autonomia da forma literária e criticar as pretensões filosóficas que justamente não assumem toda sua dívida com o trabalho poético de escrita e de formalização da experiência linguística. Para o escritor francês, essa tarefa se torna tanto mais importante quanto mais se adensa sua reflexão sobre a situação crítica da Europa na década de 1920.

A multiplicação de dispositivos e intermediários técnicos presentes no cotidiano acelera a economia e a *machine à vivre*, passando então a explorar e rentabilizar dimensões da matéria que são heterogêneas à escala humana e esquemas perceptivos em geral pressupostos pelas convenções fiduciárias das instituições políticas da Europa moderna.²⁴ A perda de uma medida humana capaz de sintetizar categorialmente o senso comum – os entornos de uma *Lebenswelt*, tal como a pensada por Husserl no intuito de retomar o controle das ciências da natureza para as ciências do espírito²⁵ – teria como efeito, segundo Valéry, o ocaso de todo modelo determinista de verdade em favor de um paradigma orientado por médias e estatísticas.²⁶ Com isso, o senso comum deixa de estar atrelado a um esquematismo socialmente definível e generalizável para então se tornar uma variável em flutuação contínua,

23. DERRIDA. *Essa estranha instituição chamada literatura*, p. 52.

24. VALÉRY. *Oeuvres I*, p. 1143.

25. HUSSERL. *La crise de l'humanité européenne et la philosophie*, p. 95.

26. VALÉRY. *Oeuvres I*, p. 1143.

constituído por equilíbrios momentâneos e instáveis entre forças heterogêneas, tal como numa bolsa de valores.²⁷ Na esteira de tais transformações, a gigantesca inflação publicitária²⁸ e o surgimento da “universal reportagem” mencionada por Mallarmé²⁹ transformam a própria linguagem numa dinâmica estatística: como dirá Valéry, sedimentados no dicionário não há “nem conceitos, nem categorias, nem universais, nem nada desse gênero... [somente] o emprego da mesma palavra em *p* frases e séries diferentes”.³⁰ Por isso, o trabalho de formalização da palavra se tornaria indispensável para o poeta francês, sob pena de se tornar presa fácil da especulação dos valores em flutuação na linguagem cotidiana, um risco que também atingiria o *métier* do filósofo:

A filosofia é a arte (que não quer ser) de arranjar palavras indefiníveis em combinações mais ou menos agradáveis ou excitantes [...] A filosofia raciocina gratuitamente, e sobre dados ilimitados, sobretudo os valores. E os filósofos se dividem e entram em querelas sobre convenções de escrita - o que só poderia ser louvável caso não esquecessem do que se trata. A metafísica facilmente toma por *ouro* o que é apenas papel, e por *seres* o que são apenas *meios de troca*.³¹

Se o vocabulário da filosofia – sujeito, ideia, matéria, infinito etc. – se tornou uma lista de *choses vagues*, mal definíveis, é porque o filósofo não aceita sua relação com a arte. Desse

modo, seus discursos não só se tornam incapazes de enfrentar a flutuação de seu sentido comum, mas também contribuem com a *inflação* de seus valores.³² Para enfrentar a arbitrariedade e contingência dessa especulação sobre o valor e o sentido das palavras, a poesia de Valéry porá em prática a hesitação entre as materialidades heterogêneas do som e do sentido, prolongando indefinidamente a passagem entre ato e discurso; modulando as ligações e acoplagens entre corpo, espírito e mundo; e buscando suscitar detalhes cada vez mais sutis, singulares e não intercambiáveis da experiência.³³ A escrita dos *cahiers*, por sua vez, não é muito diferente: se ela trabalha com conceitos muito particulares – implexo, modulação, série Corpo-Espírito-Mundo, *moi* puro, sistema DR – e definidos em sua transitividade – um gesto sob muitos aspectos comparável ao do círculo de Viena,³⁴ deve-se dizer que tais definições permanecem rigorosamente no limiar entre *esprit de finesse et esprit de géométrie*, como *noções quase-quantitativas* “(ou seja, não numerisáveis, mas combináveis e melhor combináveis que as fornecidas pela linguagem e pela lógica)”.³⁵

Nesse sentido, os *cahiers* de Valéry serão um laboratório de operações de pensamento que percorrem uma via alternativa à e para a filosofia: em vez da busca por um substrato último e antepredicativo englobando *uma Lebenswelt*, mais que o silêncio místico frente à facticidade do mundo como limite às figurações proposicionais, nem também o jogo reflexionante

27. A comparação não é acaso: como mostra Jean Joseph Goux, foi a partir dos processos técnicos da chamada segunda revolução industrial – com sua capacidade de manipular, na escala dos elementos químicos, as diferentes matérias-primas oriundas dos mais diferentes lugares – que a bolsa de valores se agigantou como agente mediador da determinação de valores sociais e econômicos. Entre 1830 e 1900, o número de valores cotados em seu bojo passa de 30 para 1000. Valéry acompanha de perto tais transformações e reflete sobre suas consequências para a determinação social do valor na linguagem, na arte, na economia. Cf. GOUX. *Frivolité de la Valeur*, p. 21-43, 121.

28. VALÉRY. *Oeuvres I*, p. 1080.

29. MALLARMÉ. *Crise de vers*, p. 15.

30. VALÉRY. *Cahiers I*, p. 389.

31. VALÉRY. *Cahiers I*, p. 665. Todas as citações em francês, alemão e inglês são apresentadas em tradução livre.

32. VALÉRY. *Cahiers I*, p. 420; cf. REY. *La part de l'autre*, p. 148.

33. Valéry, *Cahiers I*, p. 293; Valéry, *Cahiers II*, p. 1053. Sobre a noção de modulação e a série Corpo-Espírito-Mundo na obra de Valéry, cf. STIMPSON. *Toute la modulation de l'être*, e LUCAS, *Modulations et Résonances*.

34. BOUVERESSE. Valéry, le langage et la logique.

35. VALÉRY. *Cahiers I*, p. 815; cf. também VALÉRY, *Cahiers II*, p. 994.

do julgar no interior de *uma Lebensform* que ainda seria “o mundo das instituições do espírito”,³⁶ o poeta – considerando justamente o esgotamento da fidúcia outrora acordada a tais instituições³⁷ – fará do pensamento praticado junto à escritura um *ideal quase-matérico* realizado em ato, uma modulação nem contínua, nem discreta de trocas e de implicações recíprocas de saberes heterogêneos – literatura, matemática, lógica, biologia, política, termodinâmica etc. – em ligações sempre parciais, abertas, um *border thinking* hesitante entre natureza e cultura, ser e convenção,³⁸ e que por isso mesmo seria capaz de análises cada vez mais refinadas, sutis, votadas à busca da decimal extrema, entre caos e cosmo,³⁹ a “única coisa que importa”:

Uma única coisa importa - aquela que se furta, infinitamente, indefinidamente, à análise - esse nada, esse resto, essa decimal extrema. É por isso que é necessário fazer análises mais e mais finas, cerradas, sutis, precisas – insuportáveis.⁴⁰

III

Observamos desse modo que, percorrendo caminhos diferentes e, em certo sentido, até mesmo inversos, o pensamento de Bakhtin e a escritura de Valéry convergem na aposta em uma enunciação equívoca, intersticial, seja ela uma sátira pensante na qual a própria partilha satirizado-satirizante se

desfaz ao longo de uma experiência de transformação recíproca, seja a modulação de materialidades heterogêneas em hesitação prolongada e sobredeterminação mútua, contínua e sempre inacabada. Diante dos dilemas e debates que enfrentaram, ambos percebem a necessidade de atravessar o limiar entre filosofia e literatura e de lidar com as consequências desse gesto.

Essa compreensão do pensamento de Bakhtin e da escritura de Valéry em suas bordas e interstícios só poderia ser fruto de uma longa sedimentação de diálogos e de tempo (e, no caso de Bakhtin, pelo deslocamento no espaço): por certo, ela não é evidente no primeiro impacto de suas ideias sobre o campo, nem mesmo no segundo. Os *cahiers* do poeta, por exemplo, só vêm a público ao final dos anos 1950, dando início ao trabalho que percorre as décadas seguintes e reavalia o formalismo que lhe fora atribuído a partir da leitura dos textos publicados em vida. Tais textos eram considerados demasiadamente abstratos, sobretudo por surrealistas e existencialistas que grassaram nas décadas anteriores. Algo similar ocorre com os formalistas russos e com Bakhtin, cujas ideias começam a se tornar conhecidas e debatidas na França no mesmo período, como fica evidente sobretudo no trabalho de Julia Kristeva.⁴¹ A *Nouvelle Critique* também é afetada pela releitura dos textos de Valéry a partir dos *cahiers* que então vão se desvelando,⁴² um movimento que afetará

36. GIANNOTTI. Desvendando o sentido, p. 31.

37. VALÉRY. *Oeuvres I*, p. 1143.

38. VALÉRY. *Oeuvres I*, p. 1315-1339.

39. Essa passagem entre caos e cosmos é pensada por Pierre Sauvanet a partir da noção de ritmo na Grécia pré-socrática, numa reflexão de todo não estranha àquela empreendida por Valéry nos *cahiers*. Meletinski, por sua vez, parte de uma base bakhtiniana para pensar o lugar da literatura moderna russa como aquela que romperia ou levaria para o interior do sujeito os arquétipos de caos e cosmo. Cf. SAUVANET. *Le rythme grec d'Héraclite à Aristote*; VALÉRY. *Oeuvres I*, p. 1263-1370 e MELETINSKI. *Os arquétipos literários*. Sobre as implicações da decimal extrema para a filosofia política, cf. LUCAS, *Le poétique e le politique*.

40. VALÉRY. *Cahiers CNRS volume 5*, p. 10.

41. KRISTEVA. *Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman*.

42. MARX. *Les deux poétiques de Paul Valéry*; e MARX. *Naissance de la critique moderne*, p. 19.

43. DERRIDA. *Marges de la philosophie*, p. 325-363; e NANCY. Préface in: VALÉRY. *Cahiers 1894-1914 vol. XII*.

44. Com o que nos distanciamos de inúmeros modos de se pensar o desenvolvimento histórico e especificamente o literário, de Hegel a Tiniánov, certo Foucault e Schwarz; e nos aproximamos talvez de algumas reflexões desenvolvidas por Kuhn.

45. Veremos que, no caso de Flusser, por exemplo, a obra póstuma recém-publicada, escrita entre 1965 e 1967, *O último juízo: Gerações*, teria sido inspirada e provocada por Foucault em visita ao Brasil expondo, pela primeira vez, suas primeiras ideias do que viria a ser seu *As palavras e as coisas* (1966) – mas a confluência não foi mais do que furtiva, e Flusser, Derrida, Foucault, Nancy, Deleuze permanecem distantes, embora no mesmo tempo e, por vezes, lugar, como Valéry e Bakhtin, podendo se encontrar, finalmente (mesmo que de maneira ainda tateante), neste nosso tempo – no tempo deste nós que aqui escreve, este nós afastado e apartado de outros que aí estão, outros com quem poderíamos escrever, falar e pensar com e junto.

46. DERRIDA. *Marges de la philosophie*, p. 325-363.

igualmente a filosofia universitária francesa, especialmente Jacques Derrida e Jean-Luc Nancy.⁴³

Voltando à provocação inicial deste texto, a fala de Gumbrecht sobre o percurso institucional da teoria literária no decorrer dos séculos XIX e XX, é o caso de apontar talvez como nem mesmo aqui o tempo corre em uniforme, em sentido único (seria o caso de se perguntar se tem, afinal, algum sentido), como até mesmo onde se poderia esperar um desenvolvimento mais ordenado ou progressivo (seja pelo seu aspecto técnico, seja pelo seu aspecto elitista, ou ainda pelo científico ou pelo formativo),⁴⁴ os campos são perpassados por tempos e espacialidades temporais diferentes que se confluem e se distanciam.⁴⁵

É possível observar esses movimentos no caso de Derrida, que faz da compreensão valeriana da filosofia como *affaire de forme* uma contribuição decisiva para seu pensamento sobre a escritura e a desconstrução das dicotomias que sustentam a metafísica na filosofia ocidental, dentre elas a que divide de modo estanque pensamento e retórica, discurso e dicção. Em seu artigo “Qual quelle: les sources de Valéry”,⁴⁶ o filósofo da desconstrução lê os *cahiers* e apreende a elaboração poético-conceitual do *implexo*, um de seus *foyers* mais densos de implicações, colocando em jogo as consequências da insistência de Valéry em uma filosofia que *se escreve*: a ruptura decisiva com toda circularidade da presença a si do sentido

– sempre já atravessado pelos traços diferenciais da escritura, que o tornam vulnerável à variação contextual e ao trabalho do leitor.⁴⁷ Em outras palavras, o texto filosófico deixa de ser o mero hospedeiro sublunar de uma ordem das razões autoi-dêntica e atemporal para se tornar um gênero literário; aos seus consagrados procedimentos interpretativos deverão se juntar a análise de sua estrutura formal, estratégias retóricas e procedimentos estilísticos.

Ora, afirmar que o pensamento se escreve e, portanto, não é orientado e vigiado *apenas* pela lei da razão predica-tiva e seus significados transcendentais é assumir não apenas a porosidade dos limites entre filosofia e literatura, mas também aqueles entre episteme e cultura. A desconstrução contribuiria desse modo com a perda do privilégio à filosofia antes concedido à razão iluminista e à metafísica europeia, instigando desde o início os assim chamados estudos pós-coloniais⁴⁸ e a busca por experiências do pensar subjacentes às mais diferentes manifestações simbólicas, e estranhas às formas literárias anteriormente consagradas como filosóficas, que então começavam a perder o seu “caráter de evidência”. Do mesmo modo, as contribuições de Bakhtin levavam a uma reinterpretação histórica de uma possível tradição à margem da metafísica europeia, produzindo a possibilidade de perceber os textos de Dostoiévski e outros autores russos, ucranianos e do leste europeu em geral como partindo já

47. DERRIDA. *Marges de la philosophie*, p. 347 ; cf. VALÉRY. *Oeuvres I*, p. 1264.

48. GIKANDI. Poststructuralism and postcolonial discourse.

deste liminar em que as fronteiras entre literatura e filosofia não são tão rígidas.

É essa proximidade entre filosofia e literatura que está em jogo nos textos jornalísticos no Suplemento Literário do Estadão escritos por Vilém Flusser – judeu de Praga que vai parar no Brasil fugindo da perseguição nazista – escritos nos anos 1960 e 1970 em São Paulo, momento em que a filosofia universitária paulista está em pleno processo de formação. Tal proximidade era usada por ele – que falava de berço o alemão praguense de Kafka – para desenvolver uma das principais marcas do que depois chamaram de *Ficções filosóficas*⁴⁹: o deslocamento de “ponto de vista” do sujeito filosófico para outras perspectivas humanas, para objetos ou seres não humanos, como o *Vampiroteuthis Infernalis* – espécie de lula dos subterrâneos do oceano –, deus, o embrião, a solitária, marcianos, datilógrafos, analfabetos, entre tantos.

Por meio de uma polifonia satírica que em nada seria estranha a Bakhtin, na qual a filosofia gerava curto-circuitos na literatura e no jornalismo, a literatura no jornalismo e na filosofia, e, por sua vez, o jornalismo na literatura e na filosofia, Flusser procurava evidenciar as predeterminações das teorias da época, suas ingenuidades, seu caráter por demais europeu ou por demais humano nas suas vontades de se tornarem discursos hegemônicos, pretensamente neutros e universais.

“Opor ao Darwin humano um Darwin vampytêuthico”,⁵⁰ por exemplo, é necessário para “captar a evolução do ponto de vista do Vampyroteuthis”, assim como uma análise do seu corpo e de seus órgãos para uma revisão das metáforas sensoriais (debruçar, ideia, divisão entre fenômeno e coisa em si, etc.) que impregnam e determinam o pensamento filosófico. Nesse sentido, a partir de tais mudanças de perspectiva, é exposta a teleologia do darwinismo em relação à vida, que tem o humano como seu ponto máximo evolutivo; o freudismo é desconstruído pelos perigos da mitologização; a fenomenologia, o existencialismo e a filosofia em geral por tomarem seus conceitos dos olhos e das mãos, das coisas que o humano é capaz de fazer com seu próprio corpo como meio de seu pensamento, de sua linguagem e de suas metáforas – não admitindo ou se esquecendo disso. Ao operar tal deslocamento dos recursos metafóricos da linguagem teórico-filosófica, é como se fizesse uma crítica dos limites da capacidade de conhecimento não da razão humana, mas do corpo e da existência humanas enquanto mídia, plataforma ou meio do pensamento e da teorização humanos.

Em “Um mundo fabuloso”, artigo publicado no mesmo jornal paulistano, no mesmo ano (fatídico) de 1964, em novembro, já após o Golpe Militar, Flusser compara suas ficções filosóficas com as fábulas de La Fontaine que servem para o ensino de língua francesa. Mas, se as fábulas de La Fontaine

50. FLUSSER. *Vampyroteuthis infernalis*, p. 22.

49. FLUSSER. *Ficções filosóficas*.

têm a função de enquadrar, normalizar e moralizar a criança e as novas gerações segundo modelos educacionais tradicionais e burgueses – seja pelo encantamento, pelo maravilhoso, pela fábula ou pela fantasia – as fábulas de Flusser são, para um existencialista, impróprias para crianças, pois são, na medida em que geram experiências negativas, filosóficas. Mais do que gerar desencantamento com o dado pelo encantamento mágico, suas ficções filosóficas não compreendem a educação como uma adequação a uma régua de valores previamente dados e aceitos por certa comunidade como pouco modificável, mas veiculam a própria ética cética, a ética da relativização das teorias e das ciências, a ética do deslocamento de perspectivas, da quebra dos níveis do alto e do baixo que por vezes caracteriza o discurso filosófico – o que a fenomenologia existencialista fazia ao aproximar os problemas filosóficos do cotidiano, um dos motivos por que Flusser a teria adotado.

Essas questões levam Flusser à escolha refletida da forma ao mesmo tempo jornalística e poética de sua filosofia, na introdução de uma compilação de artigos (*Coisas que me cercam*) que nunca chegou a publicar no Brasil:

o veículo jornalístico é adequado à minha forma de pensar, e articula muito bem os problemas filosóficos que me preocupam. [...] O que é certo, no entanto, é que minha visão do filosofar é anti-acadêmica a ponto de clamar por articulação

do tipo que o jornalismo facilita. Porque a minha visão do filosofar é esta: filosofar é viver filosofia, e viver filosofia é ver filosofia em tudo que me cerca, por mais efêmero e cotidiano que seja. Em outras palavras: filosofar é ver filosofia naquilo do qual tratam jornais e revistas.⁵¹

Nesse sentido, Flusser de alguma forma parece recuperar ou depender o sentido da filosofia e da literatura jornalísticas do século XIX que teria passado por uma crise que teria gerado o surgimento dos departamentos e programas de teoria literária e literatura comparada no mundo europeu: índice de alguém fora do seu tempo, mas em que sentido? Retrógrado, nostálgico, alienado? Ou talvez nenhuma dessas coisas, se for possível sugerir que Flusser, contudo, não simplesmente adapte seu viver a filosofia ao fazer jornalístico, como se este, sim, fornecesse um princípio suficiente de razão. É mais bem o contrário: ele joga o jornalismo contra a filosofia, e a filosofia contra o jornalismo. Seus artigos, diz, não têm “vocabulário nem estilo” que caracteriza o jornalismo:

São resultados da tentativa de transformar artigos em veículos para a filosofia. A saber: para uma determinada filosofia, para a qual o estilo é pelo menos tão importante quanto o é a informação transmitida. Creio, pois que estes artigos querem ser lidos não como peças jornalísticas que são, mas quase como se fossem poesia.⁵²

51. FLUSSER. *Coisas que me cercam*, p. 1.

52. FLUSSER. *Coisas que me cercam*, p. 1-2.

É possível inverter ainda uma vez os termos que Flusser usou para (quase) definir seu estilo, pensando-o como quase-poética filosófica jornalística. E essa sua poética pode ser vista como a forma de um pensamento de fronteira, como o resultado de uma situação de fronteira, na medida em que se percebe impedida, pelo avanço tecnológico e por seu lugar judeu praguense exilado no “terceiro mundo”, a possibilidade de ser um filósofo no sentido que o centro europeu da sua época dá ao termo. Ao lidar com a ideia de que os conceitos europeus não funcionam e não dão conta de pensar o Brasil e a sua situação, mas fazendo isso a partir dessa crítica à instituição da literatura e da filosofia, Flusser percebe que a situação de fronteira tem que gerar também um colapso nas próprias noções de temporalidade e de história.

Por certo, esse tipo de prática filosófica certamente conflitaria com a filosofia acadêmica, sobretudo quando pensada como técnica padronizante de leitura de textos pautada pelo princípio de razão que informa e conforma a noção clássica – europeia, iluminista – de universidade. Frente ao então incipiente processo de institucionalização da filosofia universitária em São Paulo, processo ainda restrito aos pressupostos de uma modernização que se revelaria cada vez mais problemática, Flusser terminaria incompreendido, associado à figura do lítero-pensante, um estigma cujo suposto ainda é o de que o atravessamento da filosofia pela literatura só pode

ser signo de falta de rigor e diletantismo, ali mesmo onde ocorre o inverso e o rigor da elaboração poética e o da precisão conceitual se desdobram um no outro e se alimentam reciprocamente. É José Artur Gianotti quem em depoimento vocaliza essa crítica:

Hoje você diria que é filosófica, nós naquele tempo, diríamos que era muito mais o *lítero-pensante*, não é isso? Porque para nós a Filosofia passava por uma disciplina do texto e, sobretudo, o que foi muito importante para a nossa geração, passava pela alienação num pensamento alheio (sic), isto é, nós precisávamos perder a virgindade.

E Flusser vem, de certo modo, fazendo uma aliança, embora ele fosse pós-moderno, *avant la lettre*, não é isso, nós o estávamos entendendo como arcaico, em relação a um projeto de uma instalação de uma rede universitária no país.⁵³

Se a relação entre filosofia, literatura e instituição em Flusser fica exposta na passagem acima citada, outra passagem do depoimento de Giannotti⁵⁴ indica como ela também é mediada pela localidade da filosofia/literatura (que funciona como critério de validação do discurso filosófico ou literário, ao lado da instituição, do departamento mais francês que o francês) e pela busca por uma pureza genética (discursiva, lógica, mas também *europeia*). Trata-se do momento em que ele diferencia a sua relação com Anatol Rosenfeld da com

53. MENDES. *Vilém Flusser*, p. 48, 234-235.

54. MENDES. *Vilém Flusser*, p. 234.

Flusser, ambos judeus migrantes europeus: “[...] Muito mais próxima da nossa, porque Anatol Rosenfeld era um discípulo de Hartmann, uma pessoa com *formação muito alemã*, muito precisa, então a despeito de o Anatol também ser um ensaísta, quando nós entrávamos em discussão, a discussão era muito mais dirigida”. Essa diferença entre forma mais dirigida, precisa *alemã* (embora ensaísta) e livre, *fronteiriça*, carnavalesca, eslava-praguense – que foi associada com a brasileira e parece que teria sido perdoada caso tivesse sido associada a uma europeia, ainda que exótica – é justamente o tema central da tese de Oswald de Andrade⁵⁵ de que a era messiânica – uma espécie de época de domínio da razão do homem europeu – chegava ao fim, dando lugar para formas culturais outras, as formas dos “primitivos” (sic.).

Deixando de lado possíveis complicações éticas do canibalismo de Oswald de Andrade (a principal delas talvez, a sua apropriação do *ethos* do selvagem subalterno a ele na lógica do poder colonial em terras brasileiras), do ponto de vista das questões que estamos tentando desenvolver aqui, suas considerações tornam ainda mais sintomático a figura de Flusser como um exemplo – dentre tantos – da possibilidade de se pensar|encontrar essa articulação complexa entre literatura, teoria literária e filosofia em outros campos e áreas que a historiografia tradicional dessas disciplinas deixa de abarcar quando se especializa, fechando-se em seus modos

consagrados e consagradores de se institucionalizar. Uma filosofia, literatura e teoria literária não apenas fronteiriça, mas também não *stricto sensu* filosófica, *stricto sensu* literária, não *stricto sensu* teoria literária, e na inflação de assuntos e objetos filosóficos e literários (que caminha de mãos dadas com um movimento ambíguo de restrição, exclusão e expansão do seu campo, do que é ou do que deve ser tido como literário) pode ser que fique preterida em nome de momentos tidos como mais relevantes ou canônicos.

Ao mesmo tempo, Flusser fala a partir de uma disputa pela instituição filosofia: talvez venha daí a concessão a alguns desses argumentos contra o teórico literário neste texto, a qual já pareceu, a uma leitora alemã, contraditória com a própria prática filosófica do escritor tcheco:

Flusser faz uma hierarquização suspeita, pressupondo uma nítida separação entre o discurso filosófico e o literário em sentido mais amplo, que soa não apenas pejorativa – algo espantoso se pensarmos nos próprios textos de Flusser! – como ao mesmo tempo também desaprova a escrita latino-americana.⁵⁶

Não será acaso, nem fazendo tais concessões, que Derrida ao se deslocar para o continente americano seja levado nas décadas seguintes a refletir sobre os possíveis modos de institucionalização desse gesto duplo e equívoco, que teria ficado

55. ANDRADE. A crise da filosofia messiânica.

56. KLENGEL. *Brasilien denken*, p. 115.

barrado no caso de Flusser. Escrevendo num momento em que a especulação sobre os lastros de valoração – que, como vimos, havia instigado a reflexão de Valéry sobre a importância da formalização poética da experiência – conhece implicações sociais ainda mais extensas, sobretudo com a quebra do tratado de Breton Woods (1971), Derrida procurará, assim como fizera o escritor tcheco radicado no Brasil, liberar o fazer e a responsabilidade poética para outras áreas, pensando a necessidade de instituições políticas cujo processo decisório esteja à altura da injunção contraditória e equívoca inscrita na própria poética do ato de decidir.⁵⁷ Desse modo, ele estará em condições de conceber um espaço universitário capaz de acolher um ato performativo (cujo modelo é o ato de criação artística) que questione seus limites sem que isso incorra em arbitrariedade – anulando todo empenho ou previsão –, mas sim em uma responsabilidade ética que vai além do cumprimento unívoco – e, a rigor, irresponsável – das leis, chegando a compreendê-las na nuance dupla e aporética de suas promessas e expectativas.⁵⁸

E talvez seja essa noção de responsabilidade ética uma segunda via possível de contato entre os autores analisados neste artigo, principalmente quando, no desenvolvimento do seu pensamento sobre a escritura e a desconstrução, Derrida⁵⁹ se depara com a reflexão sobre a universidade e sobre a literatura a partir de certa exigência de responsabilidade: a

responsabilidade não de pensar o todo da experiência humana, como em Bakhtin – (mas ou talvez) sim, na medida em que esse todo seja visto como seu outro, como o abismo que é o acontecimento da instituição do princípio de razão leibniziano sem o qual “não se pode pensar a possibilidade da Universidade moderna”.⁶⁰ Seguindo a crítica de Heidegger⁶¹ ao substrato que Leibniz teria instaurado na tradição metafísica ocidental – o que tenta inserir o milagre na ordem das explicações causais, pois, diria Leibniz, mesmo aquilo que rompe com o princípio racional explicativo (o milagre), uma vez existindo, deve poder ser explicado segundo alguma razão, mesmo que ela talvez ainda nos seja desconhecida –, indica que tal substrato, tal razão de que deveria haver uma razão (suficiente) de existência *a priori* do que aparentemente não seria possível encontrar uma razão de ser – a tautologia das tautologias que gera um fundamento que nada funda ou que funda (ou é fundado pelo) nada, ou, segundo a mágica poética já bem conhecida das palavras alemãs (que foi usada não só por Heidegger) um *Grund aller Gründe* que se revela, contudo, *Abgrund* –, geraria uma espécie de fundo falso à sistematização de tal percurso metafísico histórico que embasaria (agora voltando a Derrida) a própria instituição e divisão em departamentos e programas da universidade, sua concepção de universal de que provém seu nome, e também a de ciência, de progresso, de produção e produtividade, e até mesmo sua arquitetura.

57. DERRIDA. *L'autre cap*, p. 79.

58. DERRIDA. *A universidade sem condição*.

59. Por exemplo, em DERRIDA. *As pupilas da universidade*; DERRIDA. *A universidade sem condição* e DERRIDA. *Essa estranha instituição chamada literatura*.

60. DERRIDA. *As pupilas da universidade*, p. 134.

61. HEIDEGGER. *Der Satz von Grund*.

Não seria o caso de contribuir com a inflação de departamentos e programas de pós-graduação sugerindo a criação de uma nova área do saber – cujo nome fica a se imaginar – entre filosofia e literatura. Também não se trata de abandonar as instituições e suas promessas, sejam elas a universidade ou mesmo o campo literário ou filosófico. Mas sim de pensar como a aposta em um ato poético equívoco – como a hesitação prolongada de Valéry – ou em um gênero lítero-pensante fronteiro – como a sátira menipeia de Bakhtin – podem nos auxiliar a considerar e inventar outros modos de institucionalização e de contra-institucionalização, que não operem estritamente sob o princípio de razão ou exclusivamente a partir da univocidade do discurso e dos aparatos. Esses modos de (contra)institucionalizar – longe de depender de categorizações prévias e hierarquizantes que separam e ordenam mais ou menos definitivamente filosofia e literatura, episteme e cultura – conseguiriam lidar com a porosidade entre elas, abrindo-se ao questionamento e ao refinamento contínuo de suas diferenças recíprocas.

Trata-se, portanto, de quebrar o vínculo que o homem moderno geralmente estabelece entre institucionalização e introjeção, o desvelamento das coisas sob a luz transparente e prosaica do conceito unívoco, delimitado.⁶² Em seu lugar, busca-se apreender mais detidamente os próprios limites entre corpo e linguagem, a linguagem do corpo e o corpo da

linguagem, como Flusser ao lembrar que hábitos conceituais têm uma forte e inconfessada ancoragem na configuração do corpo – uma mídia acoplada em outras mídias. Uma (contra) instituição capaz de acolher a dupla injunção contraditória, a sobredeterminação de normatividades heterogêneas implicadas em toda decisão, como queria Derrida. Articulado esses momentos, a presente reflexão se promete um futuro, um que busque enfrentar a atual falência de instituições políticas em seu papel de mediar conflitos. Com efeito, isso não seria possível sem repensar as relações entre filosofia, teoria literária e literatura, tendo em vista a afinidade dessas estranhas instituições com as práticas modernas de institucionalização, mas também suas possibilidades de abertura, de serem contraprogramadas para usos diferentes do que os preditos e delimitados por suas formas antigas e atuais de instituição.

A partir de uma provocação inicial de Gumbrecht sobre o lugar da teoria literária como uma resposta à crise da literatura e da filosofia jornalísticas e de algum modo atuantes política e socialmente, refletimos sobre relações possíveis entre a hesitação prolongada de Valéry e a sátira menipeia de Bakhtin. Em seguida, sugerimos algumas linhas de forças possíveis dessa aproximação crítico-comparativa em alguns momentos-lugares posteriores, tentando indicar as complexidades das relações entre filosofia, literatura e teoria literária e algumas das consequências dessas relações complexas

62. Para outra discussão que aborda esse problema, cf. DEGUY. *Reouverture après travaux*, p. 10-45 ; SARTRE. *Qu'est-ce que la littérature?*, p. 13-44; O poeta francês contemporâneo critica a interpretação sartreana acerca do *desvelamento* do ser como engajamento responsável factível somente na prosa, a única que, segundo o filósofo existencialista, levaria o homem até o mundo para além da linguagem, a poesia, pelo contrário, mantendo-o aquém das palavras, e aquém de uma noção de responsabilidade ainda presa à mensuração no elemento homogêneo de uma clareza prosaica unívoca. Segundo Deguy, Sartre separa excessivamente a prosa da poesia (uma “dicotomia ruinosa”) e deixa de perceber que a literatura é “*hesitação entre* (Valéry), entre prosa e poema, por exemplo” (p. 12). Diríamos ainda que o autor de *A náusea* separa de modo igualmente excessivo e estanque a linguagem e o mundo, deixando com isso de conceber uma forma de responsabilidade que demanda uma poética equívoca, fronteira, como as que temos destacado. Cf. nota 6.

para alguns dos problemas contemporâneos mais gritantes, apontando para a importância de se pensar o problema da instituição na relação entre essas três instâncias entre si e com seus outros e foras.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. A crise da filosofia messiânica.

In: ANDRADE, Oswald de. **Obras completas de Oswald de Andrade VI**: do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias: manifestos, teses de concursos e ensaios. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p.75 a 138..

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O Problema do conteúdo, do Material e da Forma na Criação Literária. In: BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética (a Teoria do romance)**. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 13 a 70.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução e notas de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Arte e responsabilidade. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015, p. XXXIII a XXXIV.

BOUVERESSE, Jacques. Valéry, le langage et la logique in: ROBINSON-VALÉRY, Judith. **Fonctions de l'esprit Treize Savants Redécouvrent Paul Valéry**. Paris: Hermann, 1983, p. 233-253.

DEGUY, Michel. **Réouverture après travaux**. Paris: Gallimard, 2008.

DERRIDA, Jacques. **Marges de la Philosophie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1972.

DERRIDA, Jacques. **De L'Esprit: Heidegger et la Question**. Paris: Galilée, 1987.

DERRIDA, Jacques. **L'Autre Cap**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1991.

DERRIDA, Jacques. "As Pupilas da Universidade: O princípio de razão e a ideia da universidade". In: DERRIDA, Jacques. **O Olho da Universidade**. Tradução de R. I. Canko e I. A. Neis. São Paulo: Estação Liberdade, 1999, p. 123 a 157x-xx.

DERRIDA, Jacques. **A Universidade sem condição**. Tradução E. Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**: uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FLUSSER, Vilém. **Coisas que me cercam**. São Paulo: Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1970.

FLUSSER, Vilém. **Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen**: Für eine Phänomenologie der Unterentwicklung. Mannheim: Bollmann Verlag GmbH, 1994.

FLUSSER, Vilém. **Ficções filosóficas**. São Paulo: EDUSP, 1998.

FLUSSER, Vilém. **Vampyroteuthis infernalis**. São Paulo: Annablume, 2011.

FLUSSER, Vilém. **O último juízo**: Gerações I e II. Organizadores: Rodrigo Maltez Novaes e Rodrigo Petrônio. São Paulo: É realizações, 2017.

GIANNOTTI, José Arthur. A. Desvendando o sentido. In: **dois pontos**, Curitiba, São Carlos, vol. 2, n. 2, outubro de 2005, p. 13-33.

GIKANDI, Simon. Poststructuralism and postcolonial discourse. In: **The Cambridge Companion to Postcolonial Literary Studies**. Cambridge: The Cambridge University Press, 2004, p. 97-120.

GOUX, Jean-Joseph. **Frivolité de la valeur**: essai sur l'imaginaire du capitalisme. Paris: Blusson, 2000.

GROYS, Boris. "Friedrich Nietzsche, Michail Bachtin, Michail Bulgakow". In: GROYS, Boris. **Einführung in die Anti-Philosophie**. Munique: Carl Hanser Verlag, 2009, p. 151 a 192.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Entrevista – I**. Rio de Janeiro: Abralic, 02 jun. 2016. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=0Wh8nRfrFp4>. Acesso em 12. Nov. 2017.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Der Satz von Grund (1955-1956)**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann (GA 10), 1997.

HUSSERL, Edmund. **La crise de l'humanité européenne et la philosophie**. Paris: La Gaya Scienza, 2012.

JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche**: uma biografia, volume 1: Infância, Juventude, Os anos em Basileia. Tradução de M. A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016.

KITTLER, Friedrich. **Aufschreibesysteme 1800/1900**. München: Fink Verlag, 2003.

KLENGEL, Susanne, Brasilien denken. Flusser als Vermittler, Phänomenologe, Antropophage. In: KLENGEL, Susanne, SIEVER, Holger (ed). **Das Dritte Ufer**: Vilém Flusser und Brasilien. Würzburg: Verlag Königshausen & Neumann GmbH, 2009, p. 111 a 130.

KRISTEVA, Julia. Bahktine, le mot, le dialogue et le roman. In: **Critique**, t. XXXIII, nr. 239, 1967, p. 438-465.

LUCAS, Fabio Roberto. Le poétique et le politique: Ultima Verba de Paul Valéry. In: **Studi Si Cercetare Filologica – Seria Limbi Romanice**, Nr. 21, vol. 1, 2017A, p. 112-134.

LUCAS, Fábio Roberto. Modulations et résonances: l'acte poétique de Paul Valéry. In: **Revue Doctorales – Maison des Sciences de l'Homme Montpellier**, vol. 4, 2017B, URL: <http://www.msh-m.fr/le-numerique/edition-en-ligne/doctorales/>

MALLARMÉ, Stéphane. Crise de vers / Crise de verso. Tradução e notas de Luiz Carreira e Álvaro Faleiros. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7111/mod.../1/crise%20de%20verso.doc>. Acesso em 13 nov. 2017.

MARX, William. **Naissance de la Critique Moderne**. Paris: Artois, 2002.

MARX, William. Les deux poétiques de Valéry. Paris: **Fabula / Les colloques, Paul Valéry et l'idée de littérature**. 8 abr. 2011. Disponível em <http://www.fabula.org/colloques/document1426.php>, Acesso em 09 dez. 2013.

MELETINSKI, Eleazar Moiseevich, **Os arquétipos literários**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas de Andrade e Arlete Cavaliere. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

MIGNOLO, Walter, **Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking**. Princeton: Princeton University Press, 2012.

MENDES, Ricardo. **Vilém Flusser: Uma história do diabo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da ECA-USP, São Paulo, 2000. Entrevista de Giannotti disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Tllxfw9dcZk>. Acesso em 13 nov. 2017.

NANCY, Jean-Luc; LACQUE-LABARTHE, Philippe. **L'absolu littéraire: théorie de la littérature du romantisme allemand**. Paris: Éditions du Seuil, 1978.

NANCY, Jean-Luc. **Le partage des voix**. Paris: Galilée, 1982.

NANCY, Jean-Luc. "Préface" in: VALÉRY, PAUL. **Cahiers 1894-1914 XII**. Paris: Gallimard, 2013.

NANCY, Jean-Luc. <<Um dia, os deuses se retiram...>> (Literatura/Filosofia: entre-dois), seguido de Documento anexo. In: NANCY, Jean-Luc. **Demanda: Literatura e Filosofia**. Tradução de J. C. Penna, E. A. Almeida Filho e D. N. Loyolla. Florianópolis: Ed. UFSC; Chapecó: Argos, 2016.

PHILIPSON, Gabriel S. **Entremeios da literatura e da filosofia – O humano entre fantasia e realidade em O Mestre e Margarida de M. Bulgákov**. Dissertação de mestrado (Mestrado em Letras) – Programa de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP, 2017a.

PHILIPSON, Gabriel S. Do que não se pode escapar: reflexões (teórico-)(literárias) para um pensamento da responsabilidade da arte. In: **Revista Magma**, nº14, 2017b (prelo).

RANCIÈRE, Jacques. **La Mésentente**. Paris: Galilée, 1995.

REY, Jean-Michel. **La part de l'autre**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. **Qu'est-ce que la littérature ?** Paris: Gallimard, 1948.

SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e Falência da Crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SAUVANET, Pierre. **Le rythme grec d'Héraclite à Aristote**. Paris: Presses Universitaires France, 1999.

STIMPSON, Brian. Toute la modulation de l'être – La musique qui est en moi In: GIFFORD, Paul, STIMPSON, Brian. **Paul Valéry. Musique, Mystique, Mathématique**. Lille: Presses universitaires de Lille, 1993, p. 37-57.

VALÉRY, Paul. **Cahiers CNRS VOL. 5**, Paris: C.N.R.S., 1956.

VALÉRY, Paul. **Œuvres I**, Paris : Gallimard, 1957A.

VALÉRY, Paul. **Œuvres II**, Paris: Gallimard, 1957B.

VALÉRY, Paul. **Cahiers I**, Paris: Gallimard, 1974A.

VALÉRY, Paul. **Cahiers I**, Paris: Gallimard, 1974.

Recebido em: 15 de novembro de 2017.

Aceito em: 23 de janeiro de 2018.